

Para obter informações mais detalhadas, favor contatar:
Jeff Haskins: +254 729 871 422 ou jhaskins@burnesscommunications.com
Megan Dold: +1 301 652-1558 ou mdold@burnesscommunications.com

FAVOR NÃO DIVULGAR ATÉ 00:01 GMT DO DIA 1º DE MAIO DE 2008

Pesquisa examina eficácia da assistência em sementes

Conclusões já influenciam as políticas dos governos doadores e beneficiários

ROMA, ITÁLIA (1º de Maio de 2008) – a assistência emergencial em sementes, intervenção crítica em épocas de crise no mundo em desenvolvimento, tem tido uma série de efeitos imprevistos – e a solução mais fácil, distribuição de sementes, raramente é a melhor, de acordo com um novo documento publicado hoje no *Journal of Development Studies* (Jornal de Estudos sobre o Desenvolvimento).

A pesquisa, que examinou diversas distribuições em mais de 15 países africanos desde 1974, encontrou vários exemplos de assistência em sementes que tem ajudado os agricultores. No entanto, as conclusões também mostram que a distribuição generalizada de sementes pode criar uma cultura de dependência, prejudicar os mercados locais e comprometer a diversidade de alimentos básicos locais, especialmente por dar ênfase excessiva ao milho.

As conclusões têm sido recebidas com grande interesse pelos países tanto doadores como beneficiários. A Etiópia está avançando rapidamente no sentido de fixar diretrizes para a assistência em sementes e para diminuir sua distribuição gratuita. Os Estados Unidos, juntamente com vários outros países, lideraram novas formas de fazer avaliações precisas da necessidade e de planejar respostas mais específicas destinadas a apoiar os mercados locais de sementes.

É um caso clássico, dizem funcionários de diversos países, de governos utilizando as conclusões das pesquisas para melhorar a prestação de serviços e a assistência.

“Havia disponibilidade local de sementes nesses e em outros países que recebiam assistência emergencial, mas alguns agricultores careciam de acesso a elas por não disporem dos meios para comprar ou permutar”, afirmou Louise Sperling, principal autora do relatório e cientista sênior do Centro Internacional de Agricultura Tropical (CIAT), um dos 15 centros que recebem apoio do Grupo Consultivo de Investigação Agrícola Internacional (CGIAR). “Os sistemas de sementes locais demonstram ser consideravelmente resistentes. Precisamos agora ajudar os agricultores a obter acesso às sementes disponíveis localmente.

O relatório, contrariamente à sabedoria popular, concluiu que os agricultores, mesmo em alguns dos piores desastres da atualidade – inclusive nos dias que sucederam ao genocídio de Ruanda e durante os anos de guerra em Serra Leoa – conseguiram encontrar sementes e produzir colheitas tão boas quanto as dos anos anteriores. Na realidade, alguns agricultores das zonas conflagradas de Serra Leoa aumentaram sua produção de cereais sem qualquer assistência em sementes. Havia sementes disponíveis localmente naqueles países e em outras nações que recebiam assistência

emergencial, mas alguns agricultores não tinham acesso às sementes por não disporem de meios para comprar as sementes locais nem nada para trocar por elas.

Muitos atores importantes que participam da assistência com sementes, de doadores a distribuidores, reunir-se-ão em Oslo, Noruega, em 14 de maio, para discutir como utilizar as conclusões do relatório para criar políticas e práticas melhores. O grupo incluirá representantes dos Governos da Noruega e dos Estados Unidos, órgãos das Nações Unidas e grandes organizações não-governamentais, tais como *Catholic Relief Services* (Serviços Católicos de Assistência) e CARE, que atualmente participam da assistência emergencial com sementes na África.

A comunidade internacional de doadores há muito tem percebido que a assistência em sementes foi uma de suas melhores idéias para ajudar os agricultores vulneráveis a alimentar suas famílias e comunidades durante secas, conflitos, inundações e outras emergências. A prática, utilizada pela primeira vez durante a Grande Depressão nos Estados Unidos nas décadas de 1920 e 1930 e depois durante a fome na Etiópia em meados da década de 1970, tornou-se rotina na assistência dos doadores a partir do final da década de 1980.

Sperling – juntamente com David Cooper, que trabalhou na Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) (hoje na Secretaria da Convenção sobre Diversidade Biológica) e Tom Remington, do *Catholic Relief Services* (CRS) – pesquisou em seu estudo a história da assistência em sementes, compilando, pela primeira vez, uma análise abrangente de relatos de mais de 20 grandes emergências em 15 países. Cada emergência pode envolver centenas de distribuições. Uma grande variedade de organizações, inclusive os centros do CGIAR, a FAO e diversas ONGs internacionais de grande porte ajudaram a distribuir sementes para agricultores no passado. Muitos daqueles grupos estão reconsiderando sua política à luz das conclusões da pesquisa.

Os autores fizeram distinções importantes entre os diferentes métodos de assistência em sementes. A prática mais comum é simplesmente distribuir as sementes – conhecida pelos doadores como distribuição direta de sementes. Mas, nos últimos anos, os doadores estão mudando um pouco para abordagens baseadas no mercado, depois de aprenderem que o acesso – não a disponibilidade de sementes – é a restrição mais comum nas secas, guerras de pouca duração e inundações. Mesmo que as sementes estejam disponíveis localmente, alguns agricultores de baixa renda talvez não tenham os recursos financeiros ou redes sociais para acessá-las. As abordagens baseadas no mercado incluem o fornecimento de cupões ou dinheiro para os agricultores comprarem sementes nos mercados locais ou nas feiras de sementes organizadas. Essa abordagem confere aos agricultores poder para tomar as próprias decisões acerca de quais sementes cultivar ou de que variedades necessitam para combater suas crises específicas, em vez de outra pessoa decidir por eles.

Segundo o relatório, a assistência direta em sementes tem sido usada de forma repetitiva em muitos países. Por exemplo, este tipo de distribuição gratuita foi concedido de forma consecutiva durante 22 estações, ou 11 anos, em Burundi, desde 1995; nove anos no leste do Quênia, desde 1992; nove estações em Malawi, desde 1992; quase continuamente desde 1991 no Zimbábue e na maior parte dos últimos 34 anos na Etiópia.

Mas, durante muitas dessas emergências, as evidências mostram que a assistência em sementes desempenhou um papel muito pequeno no cultivo dos campos dos agricultores – em geral menos que a oitava parte das sementes cultivadas. No Quênia, durante a seca de 1997, apesar da maciça distribuição de sementes de milho, mais de 85% das sementes cultivadas vieram de canais locais. Os pesquisadores documentaram constatações semelhantes nas doações de sementes de feijão em Honduras após o furacão Mitch em 1999 e de sorgo na Somália assolada pela seca durante o mesmo período. Em Ruanda, três meses após a matança e deslocamento generalizados em 1994, com eventos violentos atingindo seu ponto máximo durante a época da colheita, os agricultores conseguiram plantar seu alimento básico, o feijão, em quantidades comparáveis às anteriores ao genocídio. Apenas 25% das sementes plantadas tiveram origem nos esforços de alívio com doação de sementes durante a primeira estação após a guerra e esse percentual caiu para 6% na estação seguinte.

Em vários pontos da África neste momento, governos e ONGs estão respondendo a diversos desastres naturais (Gana, Burkina Faso, Malauí e Madagascar) e, em cada um desses lugares deparam-se com escolhas a respeito de como distribuir sementes para os agricultores. No Quênia, onde as chuvas estão demorando a começar, os grupos estão distribuindo sementes de milho gratuitamente para agricultores comerciais.

Em um abrangente estudo isolado sobre assistência em sementes divulgado no final do ano passado, pesquisadores etíopes e internacionais concluíram que somente a Etiópia já recebeu mais de US\$ 500 milhões de assistência em sementes desde 1974. Aquele estudo, financiado pelo Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento (IDRC) em Ottawa, Canadá, teve mais de 15 autores.

“As conclusões deste relatório sugerem que os órgãos de assistência se afastem do fornecimento de assistência em sementes espontaneamente,” disse Geoff Hawtin, diretor geral do CIAT. “Um alívio mais eficaz por intermédio de sementes exige avaliações apropriadas e avaliação constante. Não queremos criar dependências entre nossos agricultores. Queremos incentivar os mercados de sementes,” observou.

“O que precisamos, na realidade, é uma revolução da assistência com sementes. Uma abordagem de negócios de rotina pode ser danosa à agricultura na África. Até mesmo as situações que exigem respostas humanitárias imediatas podem ser implementadas de modo a levar em conta o que nós já sabemos,” acrescentou.

###

Sobre o CGIAR

O Grupo Consultivo em Pesquisas Agrícolas Internacionais (CGIAR), criado em 1971, é uma parceria estratégica de países, organizações internacionais e regionais e fundações privadas que apóiam o trabalho de 15 centros internacionais de pesquisa agrícola. Em colaboração com sistemas de pesquisa agrícola, a sociedade civil e o setor privado, o CGIAR promove o crescimento sustentável da agricultura mediante ciência de alta qualidade destinada a beneficiar os pobres por meio de maior segurança alimentar, melhor nutrição e saúde humanas, rendimentos mais elevados e aprimoramento da gestão dos recursos naturais.

www.cgiar.org.

Sobre o CIAT

O Centro Internacional de Agricultura Tropical é uma organização sem fins lucrativos que conduz pesquisa progressiva do ponto de vista social e ambiental destinada a reduzir a fome e a pobreza e a preservar os recursos naturais nos países em desenvolvimento.

O CIAT é um dos 15 centros apoiados pelo CGIAR.

www.ciat.cgiar.org.